

UMA GEOGRAFIA MILITAR E UMA NOVA VERSÃO INTERPRETATIVA TERRITORIAL PARA A AMAZÔNIA

Michel Pereira da Silva¹

Wendell Teles de Lima ²

Ana Maria Libório de Oliveira ³

Sebastião Perez de Souza⁴

Iatiçara Oliveira da Silva⁵

RESUMO:

A Geografia Militar é a compreensão da Geografia que surge antes da institucionalização desse ramo na ciência. Faz parte das ciências militares, não é apenas um saber operacional e descritivo, depois de um período de ostracismo e em função da temporada entre guerras, torna-se fundamental no cenário atual mundial. A Amazônia ganha destaque em função do seu território e por ser permeada de questões militares que repercutem na dimensão de seu espaço, até o presente momento, com o fortalecimento da mesma no atual cenário. Aplicou-se análise em uma pesquisa bibliográfica conforme quadro de formação e seu desenvolvimento,

¹ Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA

² Professor Doutor, da Universidade do Estado do Amazonas Coordenador do Núcleo de Estudos Fronteiriços de Geopolítica e Relações Internacionais (NETGRI) e do Grupo de Pesquisa de Estudos Geográficos (GEPEG), Professor do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga (CSTB - UEA). Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: wendelltelesdelima@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Educação, especialidade Educação Matemática na Universidade do Minho em Portugal, Mestra em Estudos Amazônicos pela Universidade Nacional de Colômbia - UNAL/CO (2010), Título revalidado pela Universidade Federal do Amazonas equivalente ao Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Especialista em Docência do Ensino Superior - UCAM/RJ (2003) e Graduada em Licenciatura em Ciências e Licenciatura em Matemática pela Universidade de Araxá - MG (1999). Pesquisadora, líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Sociedade - NEPECS/CNPQ, membro do Grupo de Pesquisa Estudos Geográficos - GPEG/CNPQ, membro do Núcleo de Pesquisa em Matemática, Educação e Sociedade/CNPQ. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, atualmente em exercício no IFB - campus Estrutural.

⁴ Graduado em Pedagogia Especialista em Libras.

⁵ Doutora em Meio Ambiente. Professora da Universidade Estado do Amazonas/CSTB

contribuindo para o revigoramento de uma geografia militar amazônica momento propício para esse contexto.

Palavras-Chave: Amazônia; Território; Militar.

UNA GEOGRAFÍA MILITAR Y UNA NUEVA VERSIÓN INTERPRETATIVA TERRITORIAL PARA LA AMAZONIA

RESUMEN:

La Geografía Militar es la comprensión de la Geografía que surge antes de la institucionalización de esa rama en la ciencia. Es parte de las ciencias militares, no es sólo un saber operativo y descriptivo, después de un período de ostracismo y en función de la temporada entre guerras, se vuelve fundamental en el escenario actual mundial. La Amazonia gana destaque en función de su territorio y por ser permeada de cuestiones militares que repercuten en la dimensión de su espacio, hasta el presente momento, con el fortalecimiento de la misma en el actual escenario. Se aplicó análisis en una investigación bibliográfica conforme cuadro de formación y su desarrollo, contribuyendo para el revigoración de una geografía militar amazónica momento propicio para ese contexto.

Palabras clave: Amazonia; territorio; Militar.

Introdução

Pensar em uma Geografia militar da Amazônia é remeter-se a uma análise que ganha força e que foi deixada no segundo plano em função da ascensão de uma geopolítica em 1897, denominada Geografia Política, e desenvolvida por Friedrich Ratzel na Alemanha. A sistematização da Geografia Moderna e o expansionismo alemão nazista terminaram sendo o motor para uma segunda Guerra Mundial.

Diante deste fato e da ascensão de uma popularização de uma geopolítica tem-se como problemática o “esquecimento” de uma geografia militar que surge mesmo antes de uma geopolítica. Ela foi fundamental antes mesmo da primeira, para a constituição dos impérios e do próprio Estado Moderno. Pensar o terreno de forma

estratégica, projetiva e protetiva sempre foram partes das preocupações de uma geografia militar.

Uma geografia militar, portanto, não pode ser omitido em função da sua importância histórica e estratégica para os territórios, desvendar esse fato é importante para que se entenda, que mesmo nos períodos de ostracismos, ela estava presente nas políticas territoriais dos Estados. No período atual, ela novamente começa tomar evidência, não só pelas novas tecnologias, mas pelo alcance em que os fatos abrangem o mundo.

Diante deste contexto, a Amazônia aparece como uma região central em função da posição de seu território e que ganha relevância no mundo, um dos motivos é a grande extensão territorial, os limites existentes entre os vários estados nacionais tendo em vista o nosso país, tendo a grande quantidade de diversidade ambiental como ponto estratégico para a produção futura do próprio capitalista.

Os problemas relacionados aos governos de tendências nacionalistas, tendo em vista, por exemplo, países como Equador, Venezuela, Bolívia e Honduras, e que esses países trouxeram incertezas à América Latina diante dos denominados governos de direitas, tendência essa que contribui para ascensão do atual presidente dos Estados Unidos e com grande alinhamento com esses países conhecidos como líderes de direita.

A problemática das Forças revolucionárias da Colômbia, a ação do narcotráfico e sua repressão, a própria presença intensa dos Estados Unidos na fronteira amazônica, ações de forças emitidas pelo processo migratório do Estado peruano na pressão fronteiriça estabelecem um cenário de fricção.

Nuanças que servem para direcionar uma geografia da Amazônia em direção a geografia militar na direção das políticas que norteiam a região trazendo a necessidade da análise, diante dos fatos até o momento aqui expostos. Assim, analisar uma geografia militar na Amazônia constitui um movimento analítico para compreender o território e as tendências do quadro atual.

Para chegar a esta meta uma pesquisa analítica bibliográfica será desenvolvida na direção da constituição do encadeamento das ideias, demonstrando a relação dos fatos com os elementos colocados no processo de construção de uma geografia militar.

1. A origem de uma geografia militar

Problemas relacionadas a questão territorial amazônica ocorrem desde o processo de sua origem, como região constituiu-se com a fundação do Forte do Presépio em 1616, segundo Gonçalves (2001), deu origem à cidade de Belém. A representação dessa simbologia resulta na anexação territorial de uma grande extensão, dando origem a uma grande porção oeste ocidental do território brasileiro.

A grande entrada, de acordo com Lima *et al* (2017), foi a consolidação amazônica e que ocorreu através da grande bacia de drenagem, resultando no avanço em direção ao extremo oeste do território, somente esbarrado através da existência da grande cordilheira andina, conforme Travassos (1935). As problemáticas em torno dos limites ainda não terminaram de forma tão fácil.

O fato é que as reivindicações territoriais florescem em virtude de um novo nascimento por meio das novas repúblicas de origem espanhola, tendo em vista o fim do império espanhol e que produziu consequências na construção da ferradura territorial, ou seja, dos limites estabelecidos entre as novas unidades na Amazônia e o império português.

Por seguinte, o brasileiro em termos de negociação. Lima *et al* (2017)¹ fala que as disputas começam justamente com o surgimento dessas novas unidades. Nogueira (2007) nota que as disputas em torno dos fundos territoriais amazônico demonstra a ação imperialista do estado peruano corroborando os conflitos em que esse país se envolveu com os demais do continente e, ao mesmo tempo, diante dos países amazônicos.

Como ter o domínio e controle de um vasto território em termos de complexidade e em função da configuração geográfica? Entendendo aqui não apenas como um contorno territorial mais de acordo com a concepção de Santos (1988), um conjunto de elementos que compõem o território através de elementos naturais e artificiais.

A complexidade e dimensão desses elementos tornou-se nesse sentido uma preocupação que exigirá uma engenharia geográfica da ação dos Estados Português e Brasileiro.

O pragmatismo ocorreu através da ação militar da instalação de estruturas geográficas constituídas por fortes, conforme figura 01.

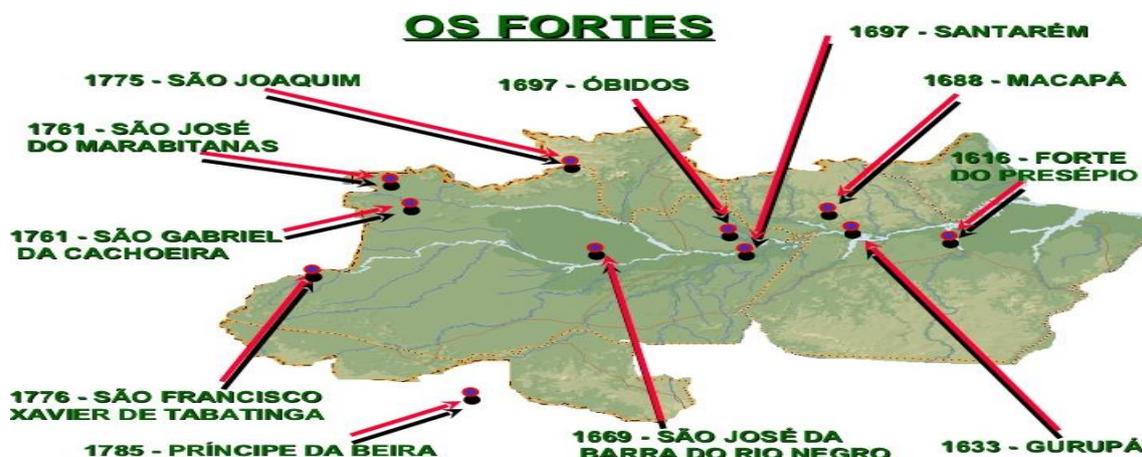


Figura 01: Fortes

Fonte: net/reporterdofuturo/exercito-brasileiro-na-amazonia

Tendo em vista a localização dessas estruturas, boa parte delas são ao norte do grande rio e, ao mesmo tempo, próxima de suas margens, as distribuições destas formas geográficas ocorrem em função dos holandeses, franceses e ingleses em torno do grande canal e de seus afluentes, objetivando a ampliação desses povos em direção a bacia de drenagem e as fixações na região e seus domínios.

A preocupação mais ao sul ocorre em função de uma pressão em direção as minas bolivianas, a pretensão era na realidade chegar ao máximo da proximidade do império espanhol. O forte Príncipe da Beira tinha uma representatividade fundamental para o corpo da pátria, conforme Magnoli (1997).

Portanto, a grande consolidação territorial ocorrerá depois do estado português através de arbitragem fronteiriça. A ideia de legado português ocorre de forma parcial onde caberá ao Brasil solidificar a soldadura territorial.

A primeira parte da obra, denominada “A Amazônia Espanhola e a Amazônia Portuguesa: do Tratado de Tordesilhas (1494) ao Tratado de Madri (1750)”, vai da chegada dos espanhóis pela foz do Amazonas, em fevereiro de 1500, até a assinatura do Tratado de Madri em 1750, e é dividida em três fases, pelo autor. A primeira fase é a chamada “Amazônia Espanhola”, em que a região inicialmente ficou sob a égide da Espanha, de acordo com os territórios distribuídos nos termos do Tratado de Tordesilhas (1494). A exploração do território começou com o navegador Vicente Pinzón,

beneficiado com as concessões de poderes para a exploração de áreas descobertas, as chamadas “capitulações”. (GADELHA, 2002, p. 63)

Os tratados foram fundamentais na dissoluções dos contenciosos amazônicos, dentro e fora da fronteira brasileira, o cerne da questão era o maior domínio sobre os territórios amazônicos disputados pelas novas unidades. Pacto Amazônico, conforme Moreira *et al* (2017), que trouxe uma estabilidade entre as fronteiras, tendo em vista o equilíbrio dos países que se estabelecem entre as novas unidades.

Apesar desse busca de equilíbrio ele deve ser pensado na seguinte perspectiva, ao longo da concretização dos Estados ocorrido pelo embate e, ao mesmo tempo, pela força persuasiva.

A ação militar tem a função no primeiro momento do combate ir contra os europeus passando para etapa de proteção territorial. Assim, pode-se afirmar que uma região como a Amazônica em função do contexto que se enquadrava, dentro do sistema-mundo, tinha no início, Becker e Egler (1993), um papel secundário que a constituía como uma região de estoques futuros para uma produção do capital.

O valor estratégico era justamente a visão futura que poderia arcar com sua exploração futura para o capital, a finalidade de sua proteção girava em torno de uma estratégia dada por uma geografia militar.

Apontamos assim, como Lima *et al* (2017), uma geografia militar. Pelas próprias condições, a Geografia Militar de acordo com esses autores tinha um terreno fértil para ser desenvolvido em função da posição que a região encontrava-se dentro do sistema internacional.

A geografia militar nasceu antes mesmo da geografia oficial, da necessidade de se pensar as estratégias espaciais para a guerra, tendo a vista a lembrança proteção e ação é anterior ao Século XIX.

Assim, como as práticas geográficas já ocorriam nos grandes impérios, como elemento de domínio e subjugação. Relegada no período entre guerras, Ribeiro (2010), foi assim como geopolítica foi colocada ao ostracismo. Apesar de todas essas nuances ela serviu como ponto central para a consolidação dos Estados Modernos e para a manutenção dos quinhões territoriais existentes em todo planeta.

2. Uma guinada a geografia militar

Assim como foi colocado, os problemas relacionados a região começam a ganhar destaque nos projetos militares, como cita Travassos (1935) e, ao mesmo tempo, nas preocupações Rodrigues (1947), Couto e Silva (1967) que analisaram os elementos militares diante de uma geografia militar quando faz destaque do tamanho do território e os elementos neles existentes.

De acordo com José Aldemir (2003) e Nogueira (2007), a valorização das questões amazônicas começam ganhar destaque governamental, com a importância do território visando estratégia e desenvolvimento, assim como, diante da implantação dos Grandes projetos para a Amazônia (GPA) com outras linhas norteadoras somadas ao povoamento da região para acabar o denominado “vazio demográfico”, e um reforço a sua proteção pela uma ação militar com a construção de um grande território nos anos de 1980, chamado Calha Norte e mantido pelos governos civis.

José Sarney foi iniciado nessa compreensão de Nova República e mantenedor de uma concepção militarizada direcionada para a Amazônia. Mesmo um governo considerado com ideias mais esquerdistas manteve a importância da questão militar nas questões amazônicas.

O caso mais emblemática foi a manutenção e ampliação do Projeto Calha Norte criado nos anos 1980 e ampliado pelo Governo Luís Inácio da Silva (LULA), aumentada até a fronteira do Guaporé (RO) nos anos 2000 e encontrando-se expandido até as áreas do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Constituiu-se um cordão de isolamento na fronteira amazônica tendo em vista a militarização da fronteira. A transferência de pelotões do centro-sul do país é um indicativo de um revigoramento ou de um novo surgimento de uma geografia militar em função dos problemas ambientais, indígenas e das movimentações.

De maneira geral, ocorridas internamente nos países amazônicos - como a ascensão de governos mais nacionalistas, de grande presença de organizações não governamentais (ONGs) e das próprias pressões internacionais sobre as questões socioambientais que giram em torno da Amazônia e da fronteira dos Estados do Centro-Oeste, e que possuem fronteiras com a Bolívia e Paraguai figura 2.

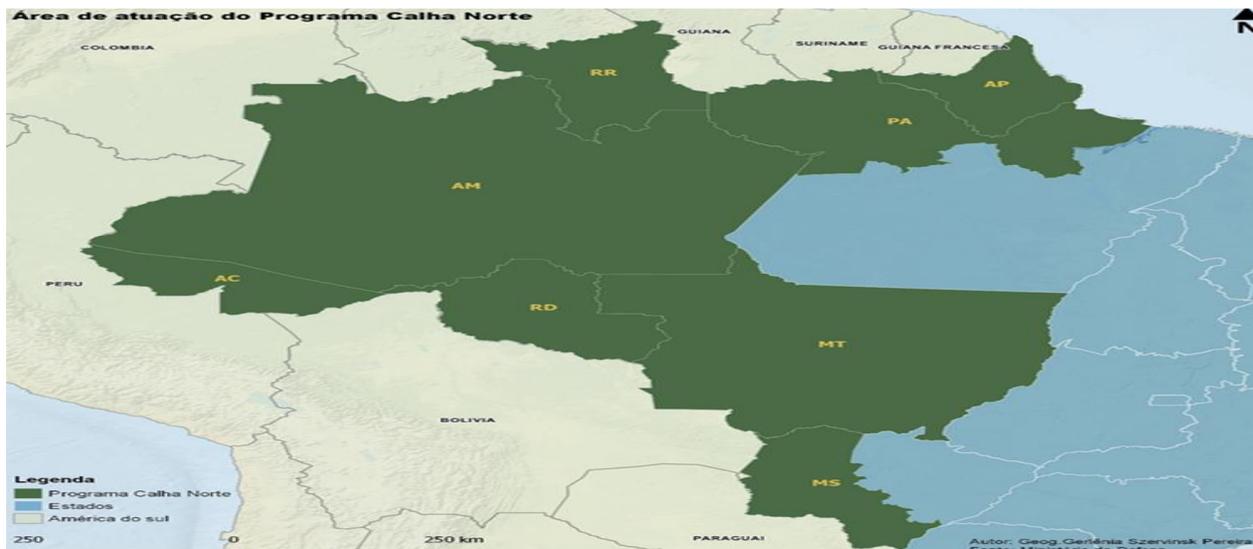


Figura 02: Área de abrangência do Calha Norte

Fonte: www.defesa.gov.br

Em função da complexidade da fronteira, dada pela sua extensão, problemas indígenas, narcotráficos e de natureza ambiental, os limites do projeto ultrapassaram a região norte administrativa incluindo os dois estados do Centro-Oeste. As próprias tensões ou instabilidade, já identificadas pelos militares em épocas atrás, constituem como um dos problemas militares na fronteira.

Na década 50, o General Couto e Silva (1967) já esboçava sua ideia, conforme o mapa abaixo, questões com a mobilidade das tropas no território levando em consideração a própria estrutura territorial, abrangendo as áreas do atual Calha Norte, pensado de forma ampla, tendo em vista a mobilidade das tropas e centros de povoamento e que originariam de guarnições militares, ou seja, pontos avançados do território brasileiro, conforme o esquema abaixo (Figura 03).

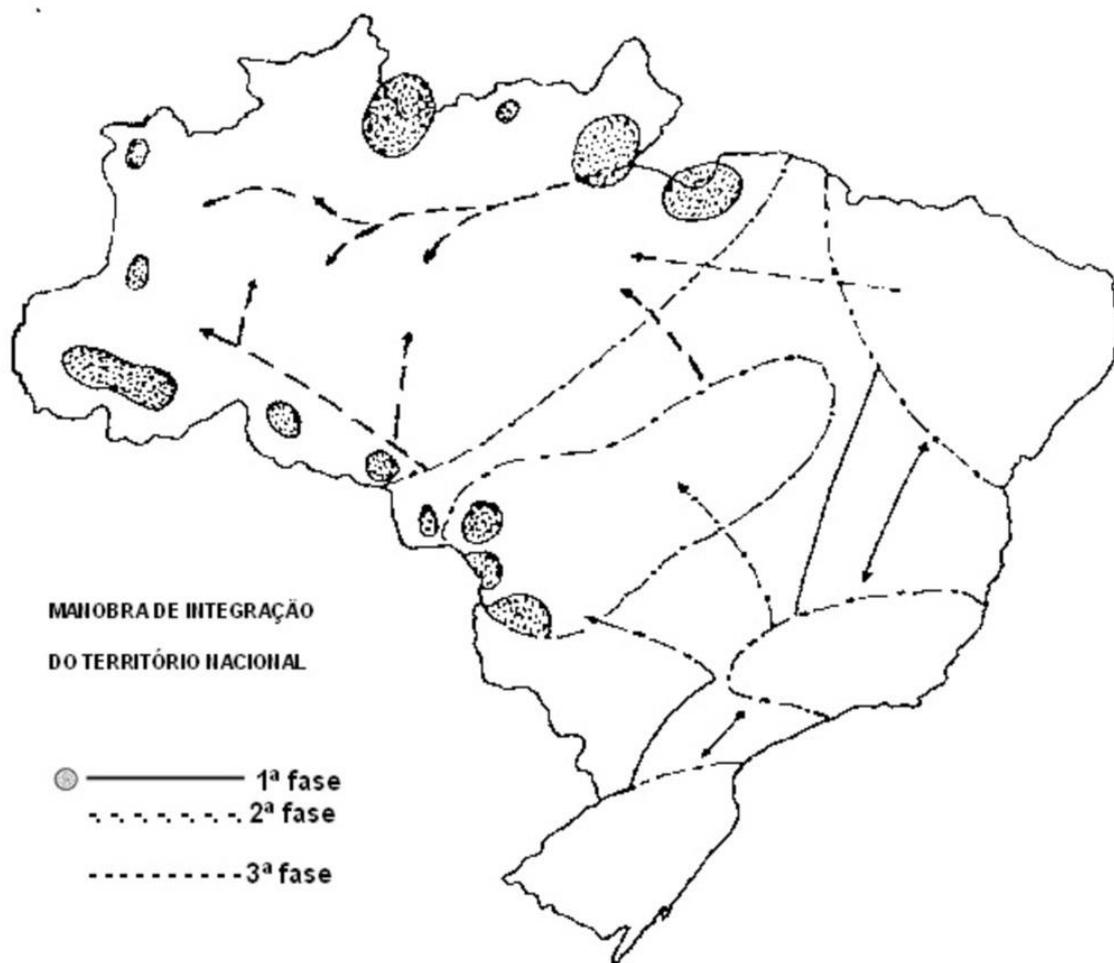


Figura 9 – Esquema geopolítico de Golbery do Couto e Silva (Adaptado de Golbery do Couto e Silva 1967)

Figura 03: Mobilidade de Deslocamento de Tropas

Fonte: Golbery do Couto Silva

Os processos de ocupação dar-se-iam por fases que dominariam o território até seu domínio, o que se observa, de forma clara no esquema acima é que a estratégia pensada pelo geopolítico era de uma geografia militar que se estenderiam ao longo dos anos.

As crescentes crises dos governos nacionalistas a partir dos anos 2000, sobretudo no Equador, Bolívia, Honduras e com maior intensidade na Venezuela, resulta em um processo de instabilidade fronteiriça como se vê agora no contexto venezuelano.

A atenção com o caso colombiano, como as Forças revolucionárias da Colômbia, e ação de narcotraficantes serviram como estímulos para um despertar de uma geografia militar.

Os confrontos velados nesses períodos entre Estados Unidos, Rússia e China respigam de forma direta numa ação mais polarizada entre os países que compõem a América Latina.

Num caso mais pontual dentro do continente sul-americano, o Brasil aparece como um forte aliado com a eleição do atual presidente da República, com uma grande proximidade ideológica do Donald Trump presidente dos Estados Unidos, e que provoca divergência de forças norteadoras de projeto de região e de alianças entre os países que formam a região.

A militarização é um horizonte a ser seguido, o nacionalismo e as tendências ideológicas convergem para o aumento da presença militar na Amazônia, antes ao fator geopolítico numa compreensão mais projetiva do que protetiva e preventiva, o que era tendência no governo Sarney e Lula agora se apresenta como tendência ao seu fortalecimento e ao fortalecimento de uma geografia militar em detrimento de uma geopolítica.

Conclusão

Pensar em uma geografia militar da Amazônia é remeter-se a análise atual dos problemas relacionados a situação em que se encontra a região, para além dos problemas ambientais que, no entanto, são estratégicos e, ao mesmo tempo, não se excluem em uma análise dentro dessa perspectiva geográfica, como já falado nessa pesquisa em função dos próprios fatos que permeiam a região a urgências dessas análises são em função da omissão do próprio fato de ser relegada sempre a segundo plano.

Desmistificar e, ao mesmo tempo, focar em novas formas de ações que vem delineando-se ao longo do tempo uma nova diretriz de políticas territoriais na Amazônia são fundamentais para o entendimento dessas políticas territoriais e de seus novos contornos, ao mesmo tempo, indica o porquê da mudança de paradigma de uma geopolítica para uma geografia militar.

O desvendamento das forças existentes na região ganham um novo impulsivo, agora aparecendo com maior força em função de um cenário internacional que respinga diretamente nas fronteiras dos Estados territoriais.

Ao mesmo tempo voltando na linha passada nos deparamos de como essas ações de cunho mais “beligerantes” estavam presentes constantemente na região.

Fruto do Cruz e a Espada, a Amazônia não foge de uma ação conflitiva permeada sempre por diversos interesses dos Estados, o cenário de ameaça, alinhamento e convulsões políticas ocasionam o caráter militar para a segurança e manutenção dos próprios interesses dos Estados resultando no ressurgir e uma geografia militar amazônica.

Referências:

BECKER, Bertha K e EGLER, Claudio A. G, **Brasil, Uma Nova Potência Regional na Economia-Mundo**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Russel SA,1993

COUTO SILVA, Golbery do. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

GADELHA, Regina Maria A. F. “Conquista e ocupação da Amazônia: a fronteira Norte do Brasil” **ESTUDOS AVANÇADOS** 16 (45), 2002.

GONÇALVES. Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 200.

LIMA¹, Wendell Teles de; OLIVEIRA, Ana Maria Libório; LACORTT, Marcelo; SILVA, Iatiçara Oliveira da; SOUZA, Sebastião Perez de. “A Geografia Militar na Amazônia Brasileira” **InterEspaço** Grajaú/MA v. 3, n. 10 p. 199-213 set./dez. 2017

LIMA, Wendell Teles de; OLIVEIRA, Ana Maria Libório; SOUZA, Sebastião Perez de; RIBEIRO; Hélio Costa; SILVA, Iatiçara Oliveira da; LACORTT, Marcelo. “A Ação do Estado Peruano na Formação da Fronteira de Fricção na Amazônica Ocidental” **Revista Geopolítica Transfronteiriça**, v. 1, n. 2, p. 1-12, nov. 2017.

MAGNOLI, Demétrio. **O Corpo da Pátria**. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

MOREIRA Adriana Brito; RODRIGUES, Ivanei de Melo; DAZA; OLIVEIRA, Ana Maria Libório de; LIMA, Wendell Teles de; TANANTA, Cleuter Tenazor; SOUZA; Misselene

Rodrigues de; LACORTT, Marcelo." A Problemática de uma Geopolítica na Pan-Amazônia" **Revista Geopolítica Transfronteiriça**, v. 1, n. 2, p. 13-23, nov. 2017.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. **Amazônia Continental: Geopolítica e Formação das Fronteiras**. Manaus: Edições do Governo do Estado, 2007.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Universidade do Estado do Amazonas, Amazonas / Editora da Universidade Federal Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas do Amazonas, 2003.

RIBEIRO, Filipe Giuseppe Dal Bo. A Nova Geografia Militar: Logística, Estratégia e Inteligência. 2010. Dissertação (Mestre em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, USP, São Paulo –SP.

RODRIGUES, Lysias A. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: Edição Biblioteca do Exército, 1947.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo>: Hucitec, 3.ed.,1988.

TRAVASSOS, Mário. **Projeção Continental do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.